

lançadora

BASTIDORES
 Zezinho Jaburú

Olá, pessoal. Depois de belos dias de descanso, aqui estou eu: robusto, forte, bonito, capaz de causar inveja a qualquer gaúcho. E o melhor.... apaixonado. Pois é, Jaburú está apaixonado... Ai linda morena, vê se me entende.

E pelas partes mais baixas da cidade, lá por onde tudo se mistura a coisa continua feia: não há operação tapa buraco que dê jeito. Na avenida Mário Homem de Melo, nos trechos entre os bairros da Liberdade e Buritis, tem gente falando em por uma balança para atravessar os carros que trafegam por aquela artéria. Tem buraco que pode causar até afogamento.

Olha, o problema de buracos pelas ruas está sério mesmo. Tem um trecho na avenida Cap. Júlio Bezerra, no Bairro de São Francisco, que causa espanto até em sapo. O acesso dos moradores às casas das imediações está praticamente impossível por meios normais. O jeito, caso a Prefeitura não tome providências, é mesmo andar de barco por ali.

E por falar em Prefeitura, vai um alerta para o prefeito Almir Queirz: o mato que as máquinas estão tirando das laterais das ruas está ficando, todo ele, no centro destas. O problema é acabar com o mato e não transferi-lo de lugar.

E o poeta amazonense Luiz Cabral lançou o seu livro em Boa Vista, na biblioteca do Palácio da Cultura, na noite de domingo. Muita gente boa esteve por lá. O presidente da Associação Brasileira dos Escritores de Roraima, Dorval Magalhães, com o seu velho e agradável sorriso, convidou a todos que participavam do debate sobre a exploração de minérios em áreas indígenas e que estavam no auditório do Palácio da Cultura,

O agrônomo Paulo Murat Rosas assumiu o cargo máximo do Centro de Tradições Gaúchas - CTG. Agora ele é patrão. A eleição foi secreta e achapa derrotada, de Verley Bueno, solidarizou-se com a vencedora.

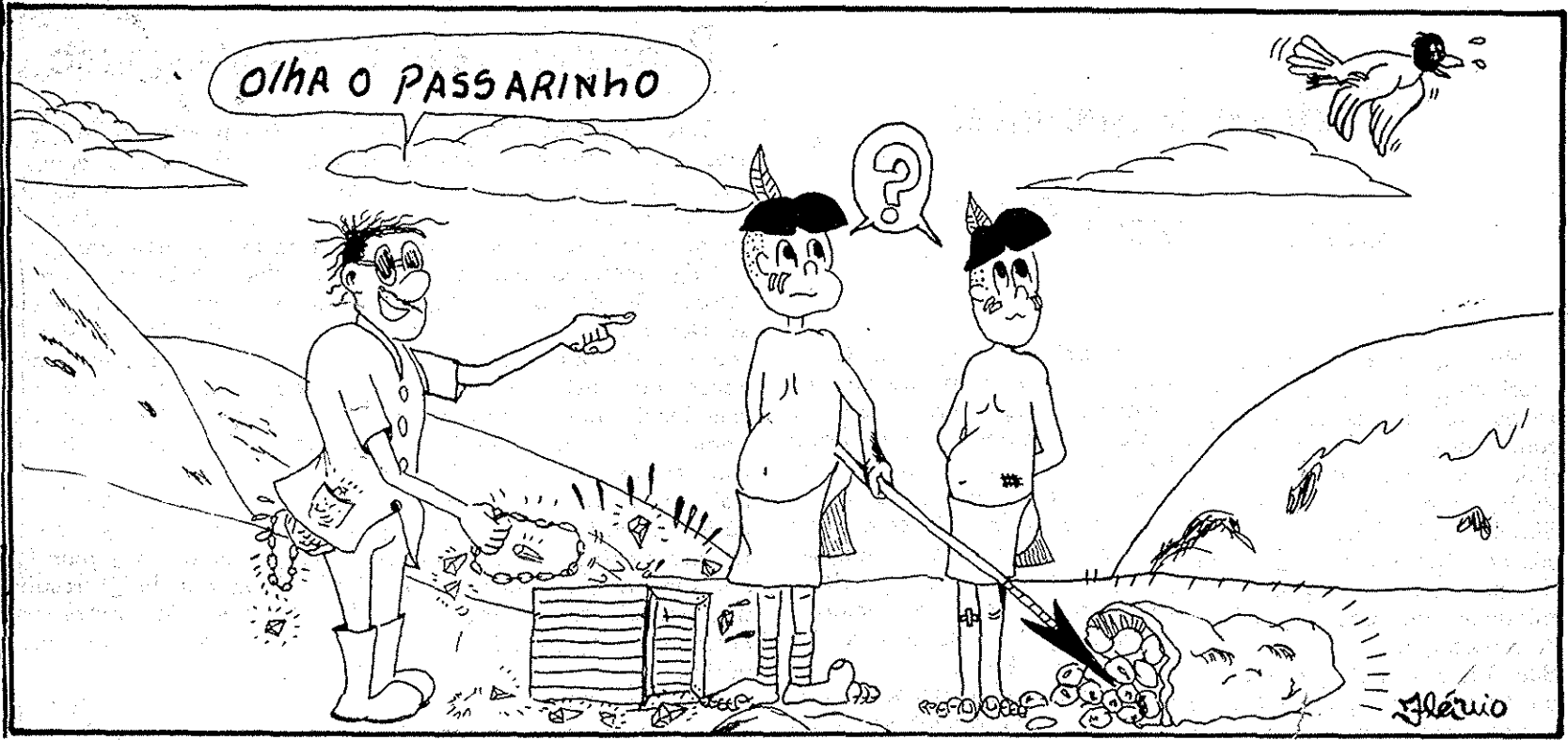
Minhoca quer nova vítima: não estão querendo deixar que o gaúcho ocupe o cargo de confiança do Ministro da Agricultura em Roraima. E o Simon é roraimense? Parece-me que é gaúcho.

Alguns vícios da velha república ainda não foram esquecidos: um Voyage branco, placa AA-4856, parou em frente à panificadora e sorveteria Gran-Roraima, na Ville Roy, durante um bom tempo da tarde de quinta-feira, e o motorista, pacientemente, ficou esperando, sentado perto do balcão, que duas senhoras, uma delas de idade já avançada, tomassem um belo sorvete.

O pobre Dom Aldo, Bispo Diocesano de Boa Vista, foi exposto ao ridículo no debater sobre a Questão Indígena, realizada no Palácio da Cultura, semana passada. Oradores, sem o menor respeito à figura do Bispo, e um deles sem representatividade alguma, resolveram atacar a posição defendida pela Igreja, esquecendo-se muitas vezes do que teriam de falar.

E enquanto todos discutiam bem vestidos a Questão Indígena, uma personalidade do Governo entrou no Palácio da Cultura de shortinho amarelo e camiseta da mesma cor, como se estivesse em discussão ali o Festival de Verão. Lembrete para o doutor: existe um tipo de traje para cada tipo de atividade.

Recaio de pé de página: competência não tem naturalidade.



YANOMANI: SIM OU NAO

Continua polémica a Questão Yanomani. No último final de semana a Comissão do Índio, da Câmara dos Deputados, pode ver de perto o sofrimento dos povos indígenas de Roraima e a necessidade de se explorar os recursos minerais aqui existentes como forma de contribuir para a emancipação política do Território. Sem dúvida é um assunto muito especial, talvez o mais importante na história da Comissão parlamentar, e que merece a atenção de toda a sociedade brasileira. Um fato é certo e disto devemos nos convencer: é necessário que exploremos as nossas riquezas. No entanto, acreditamos, isto não pode se traduzir no detrimento dos povos indígenas e, em especial, os Yanomani. Existe toda uma questão cultural que liga este povo àquele terra. De que forma, então, pode-se explorar as riquezas sem que isso signifique a exploração do índio?

Notícias veiculadas na grande imprensa nacional dão conta de que a Comissão do Índio, formada por quinze deputados, conforme informações, tem na maioria de seus membros uma posição contrária à aprovação dos projetos do deputado Mozarildo Cavalcanti, que prevêem a exploração de minérios em áreas pretendidas pela Funai e que este teria sido o motivo para não virem a Roraima.

Por outro lado, o deputado Arildo Teles, do PDT do Rio de Janeiro é presidente da Comissão, tornou conhecido o seu voto em favor dos projetos do parlamentar roraimense e mostrou-se preocupado em convencer os demais membros da Comissão do Índio de que os projetos têm o respaldo dos empresários roraimenses e que são de interesse para o desenvolvimento do Roraima.

Neste episódio, muito se fala e pouco de prático foi feito até o momento. A exploração dos minérios de Surucucus sempre foi alvo de ataque à ação de estrangeiros entre os índios, acusados de acobardarem ou praticarem o contrabando de pedras preciosas. Na área Yanomani existem cinco missões religiosas. Destas, somente uma é brasileira. Uma destas missões, a Asas do Socorro, segundo se divulgou na imprensa nacional, é suspeita de envolvimento em contrabandos feitos pela empresa Embraima, de Antônio Carlos Calvares, tão propagados por todo o país. O fato, é evidente, deve ser visto isoladamente apesar de ser necessário um estudo sobre os verdadeiros propósitos destas missões. No entanto, o que se vê é um ataque generalizado à ação dos missionários, como se fossem eles os principais responsáveis pela deplorável falta de fiscalização na exploração das riquezas nacionais. A exemplo de outros escândalos existentes no país os principais responsáveis estão ligados à estrutura de Governo da Velha República.

A Comissão de Criação do Parque Yanomani, CCPY, ao que parece, desenvolve um trabalho de preservação da cultura indígena bem como de prevenção de doenças entre estes silvícolas. No entanto, também tem sido alvo de ataques, muitas vezes relacionados com responsabilidade, contribuirmos para a nossa emancipação política, sentando todos em uma mesa onde se ponha como elemento principal a defesa da nossa soberania. É necessário que exploremos os nossos minérios tanto quanto é necessária a preservação dos nossos povos indígenas, os primeiros donos destas terras.